

A PSICOPEDAGOGIA E SUAS INTERVENÇÕES NAS ESCOLAS

PSYCHOPEDAGOGY AND ITS INTERVENTIONS IN SCHOOLS



CRISTIANE ALMEIDA DA SILVA ALVARENGA

Formada em Pedagogia pela Universidade Unilavras (2000); Especialização em Psicopedagogia pela Uninove (2015); Professora de Ensino fundamental 1 na EMEF Tenente José Maria Pinto Duarte; Professora de Educação Básica na E.E Ludovina Credidio Peixoto.

RESUMO

As conceituações da psicopedagogia denotam um campo complexo em que aparecem diferentes denominações, vinculadas a práticas diversas. É evidente que o psicopedagogo gera expectativas nas instituições de ensino como especialista no tratamento de alunos difíceis, solucionador de emergências, intérprete de reformas educacionais e curinga em todos os tipos de situações. A psicologia e a pedagogia têm exercido influência a favor das primeiras experiências de aprendizagem no processo de desenvolvimento do ser humano, retirando a força do determinismo biológico-genético. Nesse sentido, a psicologia passou a se perguntar pela criança como objeto de estudo, pois sentia a necessidade de saber o que era uma criança para resolver os problemas que começavam a surgir. A mistura de aspectos pedagógicos e psicológicos tem sido evidente ao longo da existência da psicopedagogia. É nesse sentido que este artigo tem com objetivo conhecer um pouco mais sobre a psicopedagogia nas escolas.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia; Psicopedagogia; Tratamento.

ABSTRACT

The conceptualizations of psychopedagogy denote a complex field in which different names appear, linked to different practices. It is clear that the psychopedagogue generates expectations in educational institutions as a specialist in the treatment of difficult students, an emergency solver, an interpreter of educational reforms and a joker in all kinds of situations. Psychology and pedagogy have exerted an influence in favor of early learning experiences in the human development process, removing the force of biological-genetic determinism. In this sense, psychology began to ask about the child as an object of study, as it felt the need to know what a child was in order to solve the problems that were beginning to emerge. The mixture of pedagogical and psychological aspects has been evident throughout the existence of psychopedagogy. It is in this sense that this article aims to find out a little more about psychopedagogy in schools.

KEYWORDS: Pedagogy; Psychopedagogy; Treatment.

INTRODUÇÃO

O debate sobre o que é e faz a psicopedagogia é marcado pela falta de clareza quanto ao seu papel e pela tendência de relacionar a prática com o desenvolvimento seguindo diretrizes de suas origens em que o desenvolvimento da criança e da infância era identificado com a psicopedagogia, tradicionalmente baseada na pesquisa e abordagens de Piaget, Wallon, Vygotsky e Claparède.

Herbart (citado por Peña, 2006) expressou a necessidade de basear a pedagogia na psicologia na medida em que ela forneça os métodos para a experimentação. Ele situou a pedagogia como uma ciência pertencente ao domínio da filosofia prática, situada entre a ética (aponta as finalidades da educação) e a psicologia (aponta os mecanismos humanos que tornam possível a motivação).

Zambrano (2005) expressa que entre a psicopedagogia e a pedagogia existe uma estreita relação tanto na sua constituição quanto na sua prática, para ele, os antecedentes discursivos da psicopedagogia encontram-se na filosofia e na psicologia, foram seus profissionais que apontaram aspectos conceituais e fundamentais práticas "(...) o que significava observar o campo da educação como algo complexo que não pode ser objeto de estudo de uma única ciência" (Zambrano, 2005, p. 3).

A psicopedagogia tomou assim a inteligência e a aprendizagem vistas como atividades individuais como eixos do seu trabalho. Da sociologia foi direcionado na perspectiva de que o sujeito aprende em um ambiente social. A problematização que norteou esses pontos de vista foi se o indivíduo deveria ser educado dentro da sala de aula ou como produto do social. Para Zambrano, a atual fraqueza da psicopedagogia reside no fato de se basear na pedagogia, uma vez que isso a levou a perder o seu estatuto e a prestar serviços no domínio educacional, como aconselhamento e administração escolar. A psicopedagogia possui conhecimentos acentuados nas práticas a partir dos quais pode responder à questão.

Para Carvajal (2005), tanto a psicopedagogia quanto a psicologia, quando preocupadas com a aprendizagem, não têm diferença. O que o estudo da psicologia não tem a ver com a aprendizagem? Assim, a questão é direcionada à epistemologia a fim de estabelecer a especificidade da psicopedagogia quando se trata para aprender. Em seu conceito, o que caracteriza a psicopedagogia é a instrumentalização pedagógica dos discursos sobre a aprendizagem (CARVAJAL, 2005).

A psicopedagogia passou por diferentes ênfases e campos de trabalho que impossibilitaram sua consolidação; das ênfases psicológicas passou às ênfases pedagógicas e do campo das dificuldades e problemas de aprendizagem para o campo da orientação. Isto tem resultado na identidade dos profissionais que nela se formam respondendo mais às necessidades imediatas do que à projeção e desenvolvimento de si mesmos.

A ARTE E A PSICOPEDAGOGIA

Além de muitos outros benefícios, a manifestação artística e a ilustração podem servir como uma ferramenta para analisar as expressões mentais das crianças, sendo aplicáveis na área da Psicopedagogia. Empregar formas de manifestação artística para reconhecer estados mentais é particularmente eficaz quando se busca lidar com sentimentos e emoções suprimidos.

Um exemplo atual é a Arteterapia, que é a aplicação terapêutica da criação artística, dentro de um relacionamento profissional, por indivíduos que enfrentam doenças, traumas ou desafios na vida, e por aqueles que buscam crescimento pessoal. Através da produção de arte e da reflexão sobre os produtos e processos artísticos, as pessoas podem aumentar a consciência de si mesmas e dos outros, lidar com sintomas, estresse e experiências traumáticas; aprimorar habilidades cognitivas; e desfrutar dos prazeres da criação artística.

De acordo com Andrade citado por Federizzi (2011)

A arte é uma via nova e única para externalizar a interpretação-síntese da vivência pessoal. Essa manifestação é resultado das atividades conscientes e inconscientes de captação do mundo objetivo enquanto elaboração desse impacto no universo interno do sujeito. O ato de criar e o produto da criação se tornam o porta-voz da tentativa de resolução do choque entre o que se apresenta ao sujeito advindo da realidade objetiva e a maneira deste compreendê-la. (ANDRADE citado por FEDERIZZI, 2011, p.70).

A Arteterapia e as ilustrações auxiliam crianças, adolescentes e adultos a explorar suas emoções, melhorar a autoconfiança, controlar vícios, aliviar o estresse, melhorar os sintomas de ansiedade e depressão, e lidar com uma doença física ou deficiência.

A manifestação artística permite que os indivíduos examinem tanto o produto resultante quanto seus sentimentos em relação a ele. É um processo contemplativo que ajuda as pessoas a identificarem temas que podem estar relacionados a suas ações, pensamentos e emoções.

A ideia principal por trás da arte é que a criação promove a autoexpressão e, conseqüentemente, tem um efeito terapêutico para indivíduos que buscam auxílio psicopedagógico e buscam um entendimento mais profundo de sua personalidade. Ele combina vários métodos de psicoterapia e artes visuais para reconhecer e aliviar problemas psicológicos.

Os objetivos gerais da Arteterapia podem ser resumidos em: utilização da arte como veículo para melhora social, física, mental e pessoal, como estímulo da criatividade, como instrumento de autoconhecimento e melhora pessoal e como reforço do ego e da autoestima. As técnicas artísticas com as quais trabalha a Arteterapia não devem ser complicadas, os materiais devem ser fáceis de usar e sempre se devem acomodar às pessoas. (DIEZ; MANPASO, 2011, p.101-102).

A Arteterapia e a ilustração podem ajudar a combater uma variedade de dificuldades psicológicas e pode beneficiar adultos e crianças. Ao encorajar os indivíduos a se expressarem artisticamente, os terapeutas podem identificar com mais eficiência os problemas relacionados ao estresse, ansiedade, autoconfiança ou depressão.

Além disso, a Arteterapia não exige habilidade artística, pois a ênfase está no processo de expressão em si, não no resultado. O objetivo desse tipo de terapia é distinguir as conexões subjacentes que ligam as emoções e as obras de arte de um indivíduo, especialmente quando tais conexões são inconscientes e obscuras.

O papel da Arteterapia consiste em utilizar esta função da atividade artística para obter melhor equilíbrio psicológico, domínio do corpo e capacidade intelectual, ao que acrescento o gozo espiritual, em uma relação mais flexível e dinâmica com os outros no mundo. (ORMEZZANO; TORRES citados por FEDERIZZI, 2011, p.65).

Usar a manifestação artística como meio de terapia tem vários benefícios. Por meio do uso de diferentes técnicas artísticas, pode ajudar a identificar pensamentos e emoções que são inconscientemente.

A arte impulsiona as competências inatas do indivíduo, aprimora sua inventividade e manifestação pessoal. É um recurso para atingir a realização e progredir como ser humano. Historicamente, a conexão entre arte e instrução se modificou de acordo com os períodos históricos. Embora essa analogia passe por um processo de alteração, ainda persiste uma versão restrita de seu uso no campo educacional. No entanto, é apenas com o surgimento da psicologia como disciplina que se valoriza a singularidade e a manifestação, competências que foram consideradas importantes pelos educadores. Jiménez (2011) declara que:

A partir do século XVII, psicólogos e educadores notáveis, como Juan Amos Comenius, John Lock e JJ Rousseau, perceberam que a arte pode servir como elemento instrutivo, destacando assim seus dois valores: o artístico-inventivo-emocional e o psicopedagógico-expressão-comunicação, insistindo na ideia de que, sendo mídia, devem aprendê-las todas, assim como se faz com a linguagem oral e escrita. (p. 10)

Mas as transformações perturbadoras e favoráveis não são percebidas com clareza até a primeira metade do século XIX, quando esses signos artísticos são considerados uma forma de “livre expressão, e não a repetição inútil de cânones estereotipados” (Jiménez, 2011, p. 10).

É nessa altura que se demonstra que a arte tem um efeito positivo, uma vez que desenvolve tanto competências sociais, físicas e psicológicas, como também um verdadeiro desenvolvimento da autoestima e do autoconceito.

Nos tempos atuais, tão convulsivos e vertiginosos, é necessário um olhar diferenciado na formação de crianças e jovens, onde, por um lado, sejam incorporadas técnicas didáticas que estejam de acordo com a fluidez desses momentos, e que busca incorporar outras ações que ofereçam uma visão atual e real do mundo, que convide a descobrir, compreender e resolver os problemas que

surgem no dia a dia.

De acordo com Berdejo e Urbina (2018), a arte se apresenta como um instrumento para a “apresentação estética social e sua imbricação educativa para a formação de uma consciência social, solidária e comprometida com as reivindicações populares” (p.8), bem como uma forma direta de resolver os problemas sociais e culturais do meio ambiente.

Atualmente, ao se referir à arte e sua relação com a educação, o pensamento imediatamente se volta para o mundo da educação artística limitando-se à produção de benefícios educacionais gerais e não como forma de produção cultural.

No entanto, a educação artística desafia e modifica os sujeitos na construção de seus conhecimentos e contribui para o desenvolvimento de capacidades cognitivas, expressivas e relacionais específicas.

Nessa engrenagem da arte-educação, a arte e a cultura como pedra angular do processo educativo, ajudam a pensar a vida de forma diferente, pois convoca a reflexão crítica e a transformação da realidade circundante.

Tudo isso demonstra a importância que, pouco a pouco, a arte tem sido dada na educação. Agir diferente é condição vital para viver e conviver no momento presente e desenvolver capacidades criativas e de inclusão social em crianças e jovens. Para isso, a arte deve ser considerada como uma importante oportunidade de ser, criar e transformar a realidade. Por isso, a necessidade de incluir a arte não só nas escolas, mas em todas as atividades sociais se torna cada vez mais evidente.

AS EXPRESSÕES ARTÍSTICAS E A PSICOPEDAGOGIA

Conforme o progresso cognitivo, Jean Piaget (1954) destaca a etapa Pré-Operacional de 2 a 7 anos, na qual a criança começa a se desenvolver. Segundo Pueleo Rojas, (2012) Piaget (1954) afirma que a ilustração reflete como uma criança pensa, interpreta e representa algo. Além disso, a ilustração é a percepção da criança, ao ilustrar ela expressa as experiências que vive ou foi transmitida, o que nos permite entender seu desenvolvimento.

Na psicopedagogia, a ilustração é utilizada para analisar o desenvolvimento do processo educativo e avaliar os programas de educação em saúde. Por meio da ilustração a criança começa a criar e recriar, forma encontrada por ela de expressar seus medos, angústias ou até mesmo uma maneira de representar algo bom e especial que ela viu.

Diante de uma ilustração feita pela criança acredita-se ser possível conhecer seu mundo interno e sua personalidade. Perante as ilustrações percebe-se a transmissão de aspectos que talvez jamais possam ser verbalizados.

Ilustrar é “presentear” (tornar presente) diferenças e momentos vividos de ordenação interna-externa; é submeter à ordem; é estar contra as coisas já existentes, é estar inquieto; é ser violáceos-violetas sem máscaras, é ser uma pessoa perturbadora da ordem estabelecida, é construir “outra vida” -uma vida singular; é estar atento às infinitas possibilidades. (FRANGE, 1995, p. 19).

Quando ilustra, a criança utiliza seu corpo, conhecimentos, sentimentos, vivências, reflexões, comparações, entre outros elementos que a constituem e que se sobressaem no ato de ilustrar, interagindo com o material de forma subjetiva e momentânea, revelando seus anseios.

Ao longo da história, muito se estudou sobre a evolução do ser humano, em sua forma de se comunicar, e como sua capacidade intelectual foi transformada para satisfazer essa necessidade inata de expressar seus pensamentos, experiências, desejos, dúvidas, ideias e incertezas que permitiram que ele é socializado com os outros.

De acordo com registros históricos, há mais de 35.000 anos as ilustrações foram usadas por nossos ancestrais para comunicar e deixar registros de suas atividades, crenças e cultura.

Atualmente, ainda é uma técnica utilizada pela humanidade sem distinção de raça, sexo ou idade. Ilustração é arte e comunicação, antes de tudo é a arte de representar graficamente, é a manifestação de traçar ou capturar os contornos de um objeto real ou ficcional. Por outro lado, e como intenção comunicativa, a ilustração em uma linguagem universal, facilita a descrição de algo que estava oculto, além de revelar um sentido do pensamento do autor.

O ato de ilustrar exige poder de decisão. A ilustração é possessão, é revelação. Ao ilustrar nos apropriamos do objeto ilustrado, revelando-o. A ilustração responde a toda forma de estagnação criativa, deixando que a linha flua entre os sins e os não da sociedade (DER-DYK, 1989, p.46).

As particularidades de cada ilustração representam cada criança e adolescente, proporcionando diferentes interpretações do que espontaneamente queremos expressar. São, portanto, ferramentas úteis para avaliar seu nível mental, comunicação e afeto.

A partir da atitude e da capacidade de segurar os lápis, as crianças podem mostrar características de suas personalidades. Qualidades específicas, como tamanho grande e localização central, também demonstram uma autoestima adequada.

O bom uso da ordem e gestão do espaço nas representações retratadas demonstram confiança e segurança. Por outro lado, representações onde partes importantes são omitidas ou distorcidas, como os olhos ou a boca de uma figura humana, podem significar dificuldades ou conflitos na relação entre personagens sem inspiração. É por isso que se considera que o autor é o único que realmente conhece o seu significado.

O desenho, enquanto linguagem, requisita uma postura global. Desenhar não é copiar formas, figuras, não é simplesmente proporção, escala. A visão parcial de um objeto nos revelará um conhecimento parcial desse mesmo objeto. Desenhar objetos, pessoas, situações, animais, emoções, ideias são tentativas de aproximação com o mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se (DERDYK, 1989, p.24).

A ilustração é uma forma das artes visuais que passa por diversas fases de acordo com o desenvolvimento neurológico do seu criador. As produções gráficas são implementadas como algo rotineiro, sinônimo de brincadeiras e aprimoramento de habilidades motoras.

A evolução da ilustração em crianças pré-escolares ocorre em duas fases: rabisco e pré-esquemático. Posteriormente, a escola desenvolve as fases esquemáticas e realistas e termina na adolescência com uma representação espacial.

O rabisco tem três subfases: ele começa com movimentos descontrolados por volta dos dois anos, onde é criado detalhadamente com a motricidade fina, aprende a manusear instrumentos e se diverte.

Depois, há um rabisco controlado, que ocorre por volta dos 30 meses, em que prevalece a compreensão da relação de causa e efeito entre lápis e papel, ele desenvolve a coordenação olho-mão e consegue controlar seus movimentos iniciais.

E a terceira é o rabisco com um nome, que ocorre repetidas vezes dos 3 aos 4 anos, onde a criança tenta dar sentido às suas expressões artísticas e implementa ou utiliza o núcleo intencionalmente. (DERDYK, 1989)

Entre os quatro e os sete anos, inicia-se uma fase pré-esquemática, na qual se busca uma forma definida e não rabiscada; trata do agrupamento de figuras geométricas para dar-lhes representação de pessoas, objetos e lugares.

A fase esquemática, por sua vez, vai de aproximadamente sete a nove anos, em que se identificam formas mais definidas, figuras são destacadas ou detalhadas e, além disso, a relação de suas figuras com o espaço aumenta, aparecendo ou apenas como uma linha horizontal.

Dos 9 anos ou 12 anos, surge o realismo, por meio do qual tentam interpretar as coisas como as vemos não rabiscadas, levando em conta as dimensões reais, luz e sombras. Finalmente, após os 13 anos, acontece a fase de representação espacial, os detalhes e as características dos desenhos humanos tornam-se importantes. (PIAGET, 1954).

Quando crianças, temos em nossas mãos uma forma de expressão muito significativa que é representada graficamente por meio da ilustração. Para sua formação e realização, é necessário integrar processos psicológicos, cognitivos e motores, ou que privilegiem o alcance de quadros de desenvolvimento como a coordenação olho-mão e a motricidade fina, promovendo habilidades e o uso de ferramentas como o lápis, tintas e papel. Essas experiências sensoriais também estimulam o livre desenvolvimento, a imaginação e as próprias habilidades criativas da criança, que desempenha um papel ativo como protagonista de seu próprio processo de formação, envolvendo o uso de funções perceptivas e cognitivas complexas, como memória ou inteligência espacial; ou anterior está intimamente relacionado com a estimulação realizada em cada ambiente onde cresce.

A ilustração estimula o desenvolvimento de habilidades sociais adequadas nas crianças, ou que, por sua vez, ajuda a construir relações mais solidárias, facilita sua interação social com seus familiares e cria ações positivas para uma educação humanizada, além de ser uma expressão de sentimentos.

A manifestação de emoções, sentimentos e sensações no papel possibilita transformar tristeza, tristeza e angústia em atitudes positivas e otimistas diante da vida, imaginando cenas e visualizando seus desejos e projetos para o futuro. É uma forma de revalidar o sentido da própria vida e gerar estratégias de resiliência que favorecem o amadurecimento psicológico, motor, intelectual e afetivo.

REFERÊNCIAS

Carvajal, G. (2005). **A psicopedagogia um território entre a razão e a desrazão . Artigo apresentado no Seminário: É possível uma epistemologia da psicopedagogia?** Bogotá Colômbia.

Pena, F. (2006). **Identidade profissional: o problema da psicopedagogia. Pedagogia e Conhecimento**, (25), 109.

Zambrano, A (2005). **Psicopedagogia: ciência, conhecimento ou discurso? Artigo apresentado no Seminário: É possível uma epistemologia da psicopedagogia?** Bogotá Colômbia.

BERDEJO, C. e URBINA, S. (Coords.). **Arte. Guardião da Memória**. (1 edição). Guadalajara, Jalisco, México: Universidade de Guadalajara. 2018.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1989.

DIEZ, Noemí Martínez e MAMPASO, Ana. **São necessárias as oficinas de Arteterapia no âmbito educativo. Novas técnicas nas oficinas de Arteterapia**. In: Ormezzano, G. (org.). **Educar com Arteterapia: Propostas e desafios**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. p.87-112.

FEDERIZZI, Roberta Bassani. **Quando a arte chega àqueles que estão à margem de tudo e longe de muitos**. In: Ormezzano, G. (org.). **Educar com Arteterapia: Propostas e desafios**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. p.65-86.

FRANGE, Lucimar Belo P. **Por que se esconde a violeta? isso não é uma concepção de desenho, nem pós-moderna, nem tautológica**. São Paulo: ANNABLUME, 1995.

JIMÉNEZ, C. G. **A importância da educação artística na formação integral do aluno.** Campeche, México: Universidade Pedagógica Nacional. 2011.

PIAGET, Jean. **A construção da realidade na criança.** Nova York: Livros Básicos. 1954.

PULEO Rojas, Eida Marisol. **La evolución del dibujo infantil: Una mirada desde el contexto sociocultural merideño.** Universidad de Los Andes, Facultad de Humanidades y Educación, Escuela de Educación. Educere: Revista Venezolana de Educación, ISSN-e 1316-4910, N°. 53, 2012, págs. 157-170. Idioma: Español. Traduzido livremente por mim.